



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 13 | Nº. 25 | Jul./Dez. de 2021

Fabiana de Souza Santos Xavier

Universidade de Pernambuco - UPE
ffaabbiiannaa_lilas@hotmail.com

José Luiz Xavier Filho

Universidade de Pernambuco / UPE
jlxfilho@hotmail.com

A INTERSECÇÃO ENTRE RAÇA E FEMINISMO NEGRO NA OBRA AMERICANAH DE CHIMAMANDA ADICHIE.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar e fazer uma análise na escrita de Chimamanda Adichie no livro *Americanah*, com as ideias sobre raça e feminismo negro sob à luz das teorias de Angela Davis e Bell Hooks.

Palavras-chave: Gênero. Diáspora. Raça. Feminismo Negro.

THE INTERSECTION BETWEEN RACE AND BLACK FEMINISM IN THE WORK AMERICANAH BY CHIMAMANDA ADICHIE.

ABSTRACT

This research aimed to investigate and analyze the writing of Chimamanda Adichie in the book *Americanah*, with ideas about race and black feminism under the light of Angela Davis and Bell Hooks theories.

Keywords: Gender. Diaspora. Breed. Black Feminism.

Americanah, de Chimamanda Adichie, é uma saga de luta por inclusão, respeito, dignidade e vida, pois nos leva a refletir sobre a história de luta de Ifemelu, uma nigeriana em terras norte-americanas, em busca de sua autonomia e autoconhecimento. De imediato, ela se depara com o conceito de raça. Por diversas vezes cita que esse conceito na Nigéria é apontado como “ideias de estrangeiros”.

O enredo começa com uma protagonista bem resolvida, bem-sucedida, sem sotaque nigeriano, graduada e dona de um *blog* de sucesso. A primeira recordação do continente africano que é apresentada ao leitor, é a da trajetória da protagonista que ocorre dentro de um salão especializado em tranças afro. O local, pequeno e quente, fez lembrar sua cidade natal, Lagos, na Nigéria. Além do que, todas as cabeleireiras são recém-chegadas da África, o que a deixa desconfortável, devido ao fato dela não se já ter esquecido os costumes e hábitos que há dez anos não tinha mais contato. Nesse momento, sente-se que se tornou uma “americanah”.

A trajetória de Ifemelu começa aos 18 anos de idade, em busca de concluir os estudos em outro país. Enfrenta o preconceito e dezenas de portas de emprego são fechadas, pois é a estrangeira, sem sotaque norte-americano. Chimamanda apresenta o estranhamento do indivíduo que está em uma terra que não lhe pertence.

O leitor entra em contato com várias realidades e sente na pele o que passa a protagonista, porque as vulnerabilidades se tornam visíveis nas entrelinhas do texto: raça, gênero e racismo. Chimamanda Adichie nos ajuda a refletir sobre esses aspectos que afetam a vida de uma jovem mulher negra tentando se encaixar em ambientes sociais que a fazem lembrar o que ela é: estrangeira. Nesse sentido, nos direciona a perceber como as organizações sociais e a sociedade impõem suas regras, direitos, definições e padrões.

Logo, o objetivo deste artigo é elucidar analogamente, como *Americanah* intersecciona com temas tão pertinentes, como racismo e feminismo, atualmente nos espaços acadêmicos e sociais. Utilizamos os estudos de Stuart Hall (2011) e Homi Bhabha (1998), que nos deram aporte teórico sobre local de cultura e as relações diaspóricas; nos apropriamos dos estudos de Bell Hooks (2018) e Angela Davis (2016) sobre raça e feminismo negro nos Estados Unidos; e dialogamos como Ifemelu, em *Americanah*, traçou, realinou e ajustou o eixo das desigualdades de sua trajetória, mediante os desejos e anseios do sucesso, autoafirmação e desenvolvimento da felicidade para a maioria das meninas e mulheres negras que liam seu *blog*.

Primeiro diálogo: diáspora

A decisão de Ifemelu de voltar para seu país era parecida; quando ela se sentia assolada pelas dúvidas, pensava em si mesma como alguém que estava corajosamente sozinho, quase uma heroína, para assim esmagar suas incertezas (ADICHIE, 2014, p. 15).

Todas as sociedades, desde as mais simples até as mais complexas, têm sua própria cultura, que é elaborada ao longo de sua história e é influenciada por outras. Não há sociedade sem cultura. Conforme aponta Stuart Hall (2011, p. 34):

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.

Assim, cultura pode ser definida, também, como um estilo de vida próprio, um modo de vida particular que todas as sociedades desenvolvem e que caracteriza cada uma delas (BHABHA, 1988). Os indivíduos que compartilham a mesma cultura apresentam “identidade cultural”¹, que é o pertencimento ao grupo, comunidade, sociedade, nação cultural.

Ifemelu sabia que a Nigéria “passou a ser o lugar onde deveria estar, o único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir a vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra” (ADICHIE, 2014, p. 13). É necessário que nos situemos em Lagos, Nigéria, anos 90. Ifemelu e Obinze eram apenas dois jovens cheios de sonhos, idealizando uma vida juntos, imersos na paixão da juventude. Viviam em um país sob regime militar, com universidades sucateadas, em constantes greves e composta por professores e alunos insatisfeitos.

Em algumas características, tia Iju era a mulher espelho para Ifemelu; mudou-se para os Estados Unidos em busca de melhor qualidade de vida para si e seu filho. Ifemelu consegue uma bolsa parcial, na Universidade de Princeton, e sai da Nigéria para ir morar com a tia, deixando Obinze, seu grande amor.

¹ A identidade cultural é formada na interação entre o “eu” e a sociedade, formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2014); presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior (HALL, 2011).

Em terras estrangeiras, compreende que de estrangeiro só tem uma coisa: ela mesma. Em princípio, a rejeição pelas portas de emprego fechadas, se depara pela primeira vez com a questão racial: mulher, imigrante e negra sob os olhos dos norte-americanos.

As pessoas que interagem com Ifemelu nem se dão ao trabalho de velar seu racismo. Por exemplo: quando se dirigem a ela, falam um inglês mais pausado e num tom mais alto, com receio que ela não entenda por ser “negra não americana”, palpitam como ela deveria usar o cabelo até a convencerem de tirar suas tranças africanas e alisá-lo, ou se recusam a fazerem suas sobrancelhas e alegam que não têm experiências com negras africanas.

Aisha tocou o cabelo de Ifemelu. “Por que não usa alisa?”. “Gosto do meu cabelo do jeito que Deus fez”. “Mas como penteia? Difícil de pentear”. Ifemelu havia trazido seu próprio pente. Ela penteou devagar seu cabelo denso, macio e em pequenas espirais, até que ele ficou parecendo um halo em torno de sua cabeça. “Não é difícil de pentear se você hidratar do jeito certo”, disse Ifemelu, agora com o tom convincente de proselitismo que usava sempre que estava tentando convencer outras mulheres negras dos méritos de deixar o cabelo natural (ADICHIE, 2014, p. 19-20).

Em *O local da Cultura*, Homi Bhabha (1998) propõe uma discussão sobre o sujeito colonizado e o colonizador, abordando questões pertinentes sobre como ocorre a construção e desenvolvimento das narrativas e discursos de poder, que garantem a superioridade e dominação de uma sociedade/povo sobre outra e as suas consequências.

Dois conceitos fundamentais, estereótipo e mímica, dialogam em *Americanah*, através de uma narrativa/discurso que exalta uma raça e um povo: os valores são repassados de geração em geração. Logo, tudo o que não está presente nessa narrativa passa a ser desvalorizado, desconstruído, repudiado, mal visto. Tem-se a criação de estereótipos que induzem e fixam uma ideia negativa a respeito do outro, daquilo que não está classificado dentro dos padrões sociais requeridos.

São narrativas estruturadas e moldadas pela força das inter-relações sociais que comportam no seu interior elementos de resistência, coesão, consonância e dissonância (BHABA, 1998). Neste ponto, a nacionalidade, segundo o autor, se encaixa como um conjunto de características e representações da cultura de um povo ou sociedade que permite diferenciá-lo e reconhecê-lo dos demais. Segundo Hall (2011, p. 36):

[...] é importante ver essa perspectiva diáspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a noção. Como outros

processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compreensões espaços-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxamos laços entre a cultura e o “lugar”. Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, é claro, têm seus “locais”. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam. O que podemos mapear é mais semelhante a um processo de repetição-com-diferença, ou de reciprocidade-sem-começo.

Segundo o autor, também, não importa quão diferentes sejam os seus membros, quer seja em gênero, classe ou raça. Uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, tendenciosamente, representando-os como se todos pertencessem à mesma família nacional. Contrapondo-se a essa visão horizontal e homogênea, Bhabha (1998) propõe pensar a sociedade e nação privilegiando seus conflitos sociais, relações, grupos excluídos e minorias.

Por mais de dez anos nos Estados Unidos, agora bem-sucedida e graduada, Ifemelu tem um *blog* onde escreve sobre as visões de uma mulher “negra não americana” a respeito das negras e negros americanos, e como são suas óticas e percepções a respeito de diversos temas e situações que precisam enfrentar sobre como são vistas pelos brancos.

Vale ressaltar sobre a inserção e absorção da protagonista na cultura e padrões sociais norte-americanos: Ifemelu não tinha mais sotaque nigeriano, se vestia e se portava como uma mulher negra americana. Um processo que aconteceu de forma não natural, tendo em vista que diversas vezes ela analisa e tenta imitar os costumes sociais locais. Entretanto, só percebe isso quando entra em um ambiente, rodeada por mulheres africanas.

Eles contavam, brincando, o que os americanos lhe falavam: Você fala inglês tão bem, Tem muita aids no seu país? É tão triste que as pessoas vivam com menos de um dólar por dia na África. E eles próprios caçoavam da África, trocando histórias de absurdos, de tolice, e sentiam-se seguros para caçoar, porque era algo que nascia de uma saudade, de um desejo desesperado de ver aquele lugar de novo. Ali, Ifemelu tinha uma leve sensação acalentadora de renovação. Ali, ela não precisava se explicar (ADICHIE, 2014, p. 152).

Sentada numa cadeira de espera dentro de um salão de beleza afro-americano para mudar o seu penteado e os seus cabelos com tranças africanas, Ifemelu entende que se tornou uma “americanah”, aquilo que em sua terra natal era um apelido dado às nigerianas que se apropriavam de uma cultura que não lhes pertenciam e esqueciam seus costumes e trejeitos natos.

Elas olharam para Ifemelu, querendo que concordasse, aprovasse. Era o que esperavam naquele espaço compartilhado da africanidade delas, mas Ifemelu não disse nada e virou a página do livro. Tinha certeza de que iam falar mal dela depois que fosse embora. Aquela menina nigeriana, ela se acha muito importante por causa de Pricenton. Vejam a barrinha de cereal, ela não come mais comida de verdade. Iam rir de desprezo, mas um desprezo apenas leve, porque ela ainda era uma irmã africana, apesar de ter pedido brevemente o rumo (ADICHIE, 2014, p. 114).

Ifemelu decide voltar para Nigéria. Por um momento sente-se uma estranha, uma daquelas pessoas que, na “aldeia onde nascera, diriam ter se ‘perdido’. *Ela foi para os Estados Unidos e se perdeu*, diria sua família. *Ela foi para os Estados Unidos e se recusou a voltar*” (ADICHIE, 2014, p. 128). Observou que: precisou sair do seu país de origem para se sentir e entender que era uma mulher negra.

Segundo diálogo: raça

Esse negócio de raça é totalmente exagerado hoje, os negros precisam desencanar, é tudo questão de classe agora, os opressores e os oprimidos”, dissera ele sem hesitar, e Ifemelu havia usado a frase para abrir seu post intitulado “Nem todos os caras brancos de dread estão na nossa”. [...] e ela explicou, esperando que ele se retraísse ou pusesse um ponto final na conversa dizendo algo defensivo e inócuo como “A única raça que importa é a raça humana (ADICHIE, 2014, p. 11).

Raça é uma construção social que define a existência biológica de grupos humanos inferiores e superiores, em detrimento de seus traços físicos. Mesmo diante de tantas lutas dos movimentos sociais e da própria ciência, a sociedade continua hierarquizando os indivíduos por essas razões

Para Angela Davis (2016), raça é a maneira como a classe é vivida. É necessário que as sociedades reflitam para perceber as intersecções existentes entre gênero, classe e raça, percebendo que, entre essas categorias, existem relações que são cruzadas e outras que são mútuas. A autora defende que nada e nem ninguém pode assumir privilégios e vantagens de uma categoria sobre as outras. Com isto, o seu ponto de vista dialoga constantemente nas narrativas e entrelinhas de *Americanah*:

O que eu quero dizer é que crioulo é uma palavra que existe. As pessoas usam, ela faz parte dos Estados Unidos. Já causou muita dor às pessoas e eu acho um insulto censurar”. “Bem”, disse a professora Moore, olhando em volta como quem busca ajuda. [...] “Bem, é por causa da dor que essa palavra causou que não se deve usá-la!” Aquele *não* alçou voo com aspereza, saído da boca de uma negra americana usando argolas de bambu. “A questão é que toda vez que você fala essa palavra, isso machuca os afro-americanos”, disse um menino pálido de cabelos bagunçados na frente da sala. Ifemelu ergueu a mão; [...] “não acho que machuque sempre. Acho que depende da intenção e também de quem está usando”. Uma menina ao seu lado ficou com o rosto muito vermelho e falou

abruptamente: “Não! A palavra é a mesma, não importa quem diz (ADICHIE, 2014, p. 151).

A raça de Ifemelu é primordial na descrição de sua vivência como imigrante. Dentro da narrativa, vemo-na tentando se encaixar na sociedade diaspórica. Ao longo de sua experiência, Ifemelu se descobre negra e passa a ter experiências por causa da sua cor que nunca havia vivenciado na Nigéria, pois até então não fazia diferença. Descobre e entende que é negra de formas dolorosas, principalmente quando se depara com dezenas de portas de emprego sendo fechadas por algo que ela ainda não compreendia.

Olhe, eu tenho mais duas pessoas para entrevistar, aviso se escolher você. [...] Depois, Ginka disse: “Você podia ter dito que Ngozi é seu nome tribal e Ifemelu é seu nome da selva, e ainda ter inventado mais um nome e dito que era seu nome espiritual. Eles acreditam em qualquer merda sobre a África. [...] Ifemelu fez entrevistas para vagas de garçomete, hostess, bartender e caixa e ficou esperando ofertas de emprego que nunca chegaram, sentindo que a culpa era sua. Tinha de ser ela que estava fazendo algo de errado; mas não sabia o que poderia ser (ADICHIE, 2014, p. 143-144).

Depois de bem-sucedida e já com o *blog*, Ifemelu usa sua experiência para discursar sobre questões de raça, gênero e empoderamento², questiona tanto sobre comportamento dos americanos brancos quanto dos negros em relação à raça:

Existe uma hierarquia de raça nos Estados Unidos. Os brancos estão sempre no topo, especificamente os brancos, de família anglo-saxã e protestante, conhecidos como WASPS, e os negros sempre estão no nível mais baixo, enquanto o que está no meio depende da época e do lugar. (Ou, como dizem aqueles versos maravilhosos: Se você é branco, tudo bem; se você é marrom, fique por aí; se você é negro, volte para casa!.) Os americanos presumem que todos vão compreender seu tribalismo (ADICHIE, 2014, p. 201-202).

O motivo do seu incômodo se deve à divisão de classe resultante da cor da pele, onde as pessoas negras ocupam uma posição inferior e desvantajosa na hierarquia da sociedade americana. De acordo com Bell Hooks (2018), em geral as pessoas se socializam com pessoas do mesmo grupo, desta forma a discrepância social é nítida

² Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de sua história e, principalmente, de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente, para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e ainda de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. Essa é a síntese do poder a ser desenvolvido no processo de empoderamento ressignificado pelas diversas teorias do feminismo negro e interseccional (BERTH, 2020).

entre negros e brancos. No *blog* através, Ifemelu descreve de acordo com suas experiências o conceito de raça:

Mas raça não é biologia; raça é sociologia. Raça não é genótipo; é fenótipo. A raça importa por causa do racismo. E o racismo é absurdo porque gira em torno da aparência. Não do sangue que corre nas suas veias. Gira em torno do tom da sua pele, do formato do seu nariz, dos cachos do seu cabelo (ADICHIE, 2014, p. 366).

A descrição de Ifemelu sobre raça é reconhecida em Bell Hooks (2018), quando ela fala da diferença de *status* para mulheres brancas e mulheres negras, estas não eram vistas nas revistas e nem nos programas de televisão. O que não é diferente nos dias de hoje, onde a mulher negra ainda busca a igualdade de espaço nas mídias. Hooks reforça o pensamento da protagonista de *Americanah* ao categorizar as mulheres de acordo com sua cor de pele, “todas as mulheres brancas desta nação sabem que a branquitude é uma categoria privilegiada” (HOOKS, 2018, p. 69).

Uma das primeiras experiências traumáticas na vivência de Ifemelu nos Estados Unidos foi a proposta de trabalho oferecida por Ardmore. Desanimada após participar de diversas entrevistas sem êxito, aluguel atrasado, reservas monetárias chegando ao fim e medo de ser despejada do apartamento que dividia com outros estudantes em Princeton, ela decide ligar para um número de telefone que encontrou em um anúncio de jornal. A vaga era para ser “Assistente pessoal mulher para professor de esportes ocupado de Ardmore” (ADICHIE, 2014, p. 157).

Ao chegar à entrevista, a primeira impressão que ela tem de Ardmore é de “ar de um homem que conhecia bem a perversão” (ADICHIE, 2014, p.157). Ao chegar em sua casa, ele a direciona ao seu escritório no porão e durante a entrevista ela descobre que ele queria uma mulher para “ajudar no relaxamento” (ADICHIE, 2014, p.158) por 100 dólares por dia, e dia e horário definidos. Ifemelu pensou em como esse dinheiro ajudaria nas despesas do aluguel, mas ela decide pensar sobre a proposta de trabalho e retornar posteriormente.

Encontrando-se em uma situação difícil, pois suas reservas haviam se esgotado, ela decide ligar para Ardmore e aceita a proposta de emprego. Ao chegar à casa dele, é levada para seu quarto, e o sentimento de desconforto de Ifemelu pairava naquele momento:

“Não vou conseguir fazer sexo”, disse ela. Sua voz pareceu aguda, insegura. “Não vou conseguir fazer sexo com você”, repetiu. “Ah, não. Eu não espero que faça”, disse o homem depressa demais. Ifemelu caminhou devagar na direção

da porta, conjecturando se estaria trancada, se ele a trancara, e então imaginando se ele tinha uma arma. “Venha para cá e se deite”, disse ele. “Venha me esquentar. Vou tocar um pouco você, mas não vai ser nada que te deixe constrangida. Só preciso de um pouco de contato humano para relaxar” (ADICHIE, 2014, p. 168).

O episódio narrado nos leva a questionar: caso Ifemelu não fosse uma mulher, imigrante e negra, precisaria se subordinar a um emprego torturante e humilhante? Ela sente seu corpo corrompido por não ter tido, até o momento, uma oportunidade de emprego que não violasse sua integridade. Angela Davis (2016) cita o “risco triplo” da opressão que as mulheres sofrem por serem mulheres, negras e trabalhadoras. Ifemelu se encaixava neste “risco triplo” e sua raça era razão por experiências repulsivas no seu ambiente diaspórico.

A escravidão se sustentava tanto na rotina do abuso sexual quanto no tronco e no açoite. Impulsos sexuais excessivos, existentes ou não entre os homens brancos como indivíduos, não tinham nenhuma relação com essa verdadeira institucionalização do estupro. A coerção sexual, em vez disso, era uma dimensão essencial das relações sociais entre o senhor e a escrava. Em outras palavras, o direito alegado pelos proprietários e seus agentes sobre o corpo das escravas era uma expressão direta de seu suposto direito de propriedade sobre pessoas negras como um todo. A licença para estuprar emanava da cruel dominação econômica e era por ela facilitada, como marca grotesca da escravidão (DAVIS, 2016, p. 180).

Segundo Davis (2016), o padrão do abuso sexual institucionalizado de mulheres negras se tornou tão forte que conseguiu perpassar por centenas de anos até os dias atuais. Ainda, de acordo com a autora, o abuso sexual de mulheres negras nem sempre se manifesta na forma de uma violência pública. Existe a fatalidade diária do racismo enfrentado por mulheres negras e seus abusadores brancos convencidos de que seus atos são naturais. Essas agressões têm sido ideologicamente sancionadas por políticos, intelectuais e jornalistas, bem como por literatos que com frequência retratam mulheres negras como promíscuas e imorais.

Se alguém mencionar que “a escravidão aconteceu há tanto tempo”, peça para seu amigo branco dizer que muitos brancos ainda estão herdando o dinheiro que suas famílias ganharam há cem anos. Portanto, se esse legado continua, por que não o legado da escravidão? E peça para seu amigo branco dizer como é engraçado quando as pessoas dos institutos de pesquisa americanos perguntam aos brancos e negros se o racismo acabou. Os brancos em geral dizem que sim e os negros em geral dizem que não. Engraçado mesmo. Mais sugestões sobre o que você deve pedir para seu amigo branco dizer? Por favor, coloquem nos comentários. E um brinde a todos os amigos brancos que entendem a situação (ADICHIE, 2014, p. 391).

O racismo sempre encontrou forças em sua habilidade de encorajar a coerção sexual. “Embora as mulheres negras e suas irmãs de minorias étnicas tenham sido os

alvos principais desses ataques de inspiração racista, as mulheres brancas também sofreram” (DAVIS, 2016, p. 181). Uma vez que os homens brancos foram socialmente educados e convencidos de que podiam cometer ataques sexuais contra as mulheres negras impunemente, sua conduta em relação às mulheres de sua própria raça não podia permanecer ilesas.

As mulheres negras, em especial às que analisamos nas posições políticas e sociais, trouxeram novas questões para serem resolvidas e novas propostas para o movimento feminista: adicionaram novas pautas e ensinaram ao feminismo, essencialmente branco, que existem diferenças entre as mulheres. Estas diferenças devem ser reconhecidas e consideradas.

Terceiro diálogo: feminismo negro

Ele comentou que as pessoas estavam dizendo que meu livro era feminista. Seu conselho – disse, balançando a cabeça com um ar consternado – era que eu nunca, nunca me intitulasse feminista, já que as feministas são mulheres infelizes que não conseguem arranjar marido. Então decidi me definir como “feminista feliz”. Mais tarde, uma professora universitária nigeriana veio me dizer que o feminismo não fazia parte da nossa cultura, que era antiafricano e que, se eu me considerava feminista, era porque havia sido corrompido pelos ocidentais [...] De qualquer forma, já que o feminismo era antiafricano, resolvi me considerar “feminista feliz e africana”. Depois, uma grande amiga me disse que, se eu era feminista, então devia odiar homens. Decidi me tornar uma “feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para homens” (ADICHIE, 2020, p. 13-14).

A trajetória para Ifemelu chegar ao topo é uma construção do “eu”, uma associação mútua de crescimento evolutivo social adquirindo as características de mulheres empoderadas que ela admirava.

É sob os cuidados da mãe que a protagonista cresce. A matriarca entrega o corpo e os hábitos de Ifemelu aos dogmas do radicalismo de uma religião rigorosa. Na Nigéria, as mulheres crescem tolhidas e silenciadas diante de um regime ditatorial, militar, que se mascara com discursos divinos e se apropria dos ensinamentos bíblicos para justificar seu rigor. Isso gera muita incompreensão na Ifemelu adolescente que se impõe e não concorda com em ser subjugada.

Uju, tia materna de Ifemelu, participou de seu crescimento como uma segunda mãe. É ela quem ensina a trançar o cabelo, a se portar como uma mulher que decide e direciona a própria vida e a aconselha a seguir seu destino nos Estados Unidos.

Mas tia Uju era diferente. Inteligente demais para ficar perdida naquela roça [...]. Sempre que via Ifemelu e tia Uju enroscadas na cama, conversando, dizia carinhosamente: “Vocês duas, hein?”. Depois que tia Uju fora fazer faculdade em Ibadan, ele dissera para Ifemelu, quase com nostalgia: “Uju tinha uma influência calmante sobre você”. Parecia ver na proximidade das duas uma prova da boa escolha que fizera, como se tivesse sido sua intenção trazer um presente para a família, alguém para amortecer a relação entre a mulher e a filha (ADICHIE, 2014, p. 61-62).

Ifemelu faz algumas ressalvas sobre alguns passos seguidos por tia Uju, uma vez que, por muito tempo, submeteu-se em uma relação doentia como amante de um general. Ifemelu compara com a vida de muitas das suas amigas e centenas de outras jovens nigerianas, que deixam ser definidas e controladas por figuras masculinas.

Na adolescência, ela conhece Obinze – rapaz bonito e popular na escola. Dentre todas as outras moças, ele escolhe Ifemelu, a menina de personalidade forte. “Ele disse: ‘Ifemelu é linda, mas dá trabalho demais. Sabe discutir. Sabe falar. Nunca concorda com ninguém’” (ADICHIE, 2014, p. 69).

O próximo passo seria conhecer a mãe de Obinze, uma professora universitária, que inspira Ifemelu a buscar com afinco suas ambições profissionais, e não se deixar intimidar pelas limitações e empecilhos sociais impostos às mulheres nigerianas.

Obinze te contou que faço algumas traduções? Do francês. Sou professora de literatura, não de literatura inglesa, veja bem, mas literatura de língua inglesa, e faço traduções como hobby. Seu nome em igbo poderia significar ‘feita em bons tempos’ ou ‘feita lindamente’, o que você acha? Ifemelu não conseguiu achar nada. Havia algo naquela mulher que fazia Ifemelu querer dizer coisas inteligentes, mas sua mente estava em branco. [...] Ela era agradável e direta, até calorosa, mas passava uma privacidade, uma relutância em se mostrar completamente para o mundo (ADICHIE, 2014, p. 79).

Objetiva e ao mesmo tempo acalentadora, a mãe de Obinze variava seu comportamento de acordo com as situações que o seu filho vivia com Ifemelu. A personagem também personifica um exemplo de figura materna para Ifemelu:

A mãe dele pediu-lhe que entrasse no quarto e sentasse na cama. “Se acontecer alguma coisa entre você e Obinze, vocês dois serão responsáveis. Mas a natureza é injusta com as mulheres. Um ato é cometido por duas pessoas, mas, se há consequências, apenas uma sofre. Está me entendendo?” (ADICHIE, 2014, p. 81).

O diálogo entre as mulheres notabiliza o quanto a gravidez é como um fardo para as mulheres. As sociedades machistas e patriarcais responsabilizam apenas as mulheres, principalmente quando se é solteira. Para o homem, ele apenas cumpriu o seu papel de macho. Chimamanda Adichie (2020) relata que:

[...] os homens governam o mundo. Talvez isso fizesse sentido há mil anos. Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para sobrevivência, pois, quanto mais forte fosse a pessoa, mais chances teria de liderar. [...] Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar (ADICHIE, 2020, p. 21).

Americanah é uma obra atemporal e cirúrgica e, portanto, não poderíamos deixar de abordar o foco principal que nos norteou: o feminismo negro. Como referência ao debate, utilizamos a leitura de Angela Yvonne Davis (2016).

Antes mesmo do conceito interseccionalidade³ ser cunhado e tomar os lugares de debate nos espaços acadêmicos, Angela Davis (2016) já considerava as opressões estruturais como algo indissociável. A autora trata da escravidão e de seus efeitos, da forma pela qual a mulher negra é desumanizada e dimensiona a impossibilidade de pensar um projeto de nação que desconsidere a centralidade da questão racial, já que as sociedades escravocratas foram fundadas no racismo.

Se as mulheres negras sustentavam o terrível fardo da igualdade em meio à opressão, se gozavam de igualdade com seus companheiros no ambiente doméstico, por outro lado elas também afirmavam sua igualdade de modo combativo, desafiando a desumana instituição da escravidão. Resistiam ao assédio sexual dos homens brancos, defendiam sua família e participavam de paralisações e rebeliões. [...] elas envenenavam os senhores, realizavam ações de sabotagem e, como os senhores, se juntavam às comunidades de escravos fugitivos, seguindo com frequência rumo ao Norte em busca de liberdade. Dos numerosos registros sobre a repressão violenta que os feitores infligiam às mulheres, deve-se inferir que aquela que aceitava passivamente sua sina de escrava era a exceção, não a regra (DAVIS, 2016, p. 31).

Essa citação nos remete, mais uma vez, ao episódio em que Ifemelu sente-se sexualizada e vista como mercadoria. Davis enfatiza a importância de utilizar outros indicadores para a feminilidade e denuncia o racismo existente dentro do próprio movimento feminista, que na visão da autora, ainda é excludente.

No senso comum, feminismo é descrito como “elas odeiam homens; elas querem ir contra a natureza (e deus); todas elas são lésbicas; [...] tornando difícil a vida de homens brancos” (HOOKS, 2018, p.12), mas o feminismo defende temas específicos relacionados ao sofrimento das mulheres. Para quem não conhece o movimento

³ A interseccionalidade é uma ferramenta teórica e metodológica utilizada pelas feministas negras para refletir acerca da inseparabilidade estrutural entre patriarcado, sexismo, e racismo em suas articulações, que implicam em múltiplas situações de opressão sofridas pelas mulheres negras. A intersecção de estruturas racistas e machistas sobre estas mulheres as coloca mais expostas a condições de vulnerabilidade política e social. Em outras palavras, este é um conceito criado por mulheres negras e para as demandas das mulheres negras manifestadas pelo Feminismo Negro (AKOTIRENE, 2020). Ver mais em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/feminismo-negro/>. Acesso em: 20 jul.2021.

feminista, acabam reduzindo e simplificando a intenção do movimento em “um bando de mulheres bravas que querem ser iguais aos homens” (Idem).

A maneira que a sociedade deveria compreender o feminismo é apresentada por Bell Hooks (2018, p. 18) como “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”. As mulheres brancas iniciaram este movimento promovendo uma conscientização feminista e começaram a adquirir poder social sem abrir mão do “sexismo internalizado” e intensificando uma cisão entre as mulheres. Salientamos aqui que o feminismo e feminilidade não são excludentes. Porém, nos atemos ao feminismo negro, quando ela nos diz que:

É essencial para o prosseguimento da luta feminista que as mulheres negras reconheçam a vantagem especial que nossa perspectiva de marginalidade nos dá e fazer uso dessa perspectiva para criticar a dominação racista, classista e a hegemonia sexista, bem como refutar e criar uma contra hegemonia. Eu estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na realização da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa (HOOKS, 2018, p. 15).

Feminismo Negro é o termo utilizado para intitular e constituir os movimentos políticos, sociais, práticos e teóricos protagonizados por mulheres negras e que lutam para dar visibilidade às pautas abordadas deste grupo. Parte do princípio das experiências, vivências e resistências das negras na diáspora africana, e como afetam às condições de grande parte dessas mulheres na contemporaneidade (DAVIS, 2016).

Ifemelu vive as opressões da representação do feminismo, ela vive sendo questionada e questionando determinados padrões de beleza. As mulheres negras, por não se encaixar nos padrões de beleza branca, acabam relacionando seu cabelo, que é uma marca identitária da mulher negra, a um indicador de inferioridade. Exemplo: mulheres negras de cabelo afro não conseguiam se sentir bonitas, pois a mídia reforça o padrão de cabelo sendo liso e loiro.

Representatividade negra e pautas que abordam esse tema de forma cirúrgica não faltam nas linhas de *Americanah*. O lugar de mulheres negras é questionado por Ifemelu constantemente, pois a mesma não se sentia representada em propagandas, comerciais, jornais e *outdoors* espalhados pela cidade. A mesma foi uma constatação interessante e pertinente com tabus tão atuais.

Espalhou as revistas sobre a mesa, colocando algumas sobre as outras. “Veja, todas são mulheres brancas. Essa aqui supostamente é hispânica, a gente sabe porque eles escreveram duas palavras em espanhol aqui, mas ela é igualzinha a esta mulher branca, não tem nenhuma diferença no tom da pele, no cabelo, nas feições. Agora vou folhear página por página e você vai me dizer quantas

mulheres negras vê” [...] Ou seja, três mulheres negras em cerca de duas mil páginas de revistas femininas, e todas são mestiças ou racialmente ambíguas, de modo que também poderiam ser italianas, porto-riquenhas ou sei lá. Nenhuma tem pele escura. Nenhuma se parece comigo, então eu não posso pegar dicas de maquiagem nestas revistas (ADICHIE, 2014, p. 319-320).

O feminismo não defende um modelo de mulher universal que foi validado pelas estruturas de poder. No audiovisual, o modelo universal de beleza é representado em sua maioria por mulheres brancas, magras e loiras.

Em filmes, na televisão e em anúncios públicos, imagens de mulheres magrelas, de cabelos pintados de loiro e com aparência de quem mataria por uma bela refeição tornou-se a norma. De volta com uma vingança, imagens sexistas de beleza feminina abundavam e ameaçavam desfazer grande parte do progresso alcançado pelas intervenções feministas. [...] Mas nenhuma previsão assustadora funciona para intimidar as mulheres que acreditam que sua dignidade, sua beleza e seu valor intrínseco serão determinados pelo fato de serem ou não magras. [...] Essa mensagem confusa é prejudicial principalmente às mulheres que jamais reivindicaram políticas feministas. Ainda assim, há intervenções feministas recentes com objetivo de renovar nossos esforços para afirmar a beleza natural dos corpos femininos (HOOKS, 2018, p. 48-49).

Não podemos deixar que as “estéticas patriarcais” sejam a única inspiração de beleza. Nesse aspecto, compactuamos com Bell Hooks e defendemos que precisamos apresentar alternativas para esses padrões de beleza apresentados pela “mídia de massa de como pensar o feminismo”. No entanto, o empoderamento que seguimos neste trabalho não visa retirar de uma para dar a outra a ponto de inverter os pólos de opressão, e sim uma postura de enfrentamento da opressão para eliminação da situação injusta e equalização de existências em sociedades.

O posicionamento de mulheres negras é um divisor de águas para toda a luta feminista (DAVIS, 2016), uma vez que levanta questionamentos acerca da homogeneidade do ser feminino universal, cunhado por mulheres brancas dentro do feminismo, e ressignifica todo o trabalho de empoderamento.

O feminismo negro luta pela erradicação do racismo como estrutura social e aponta as opressões atreladas ao gênero, por isso, tivemos a necessidade de explicar, mesmo que resumidamente, as contribuições de *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie.

É urgente falar sobre as temáticas do pensamento do feminismo negro, não como supérflua manifestação identitária, mas como importante contribuição para a reestruturação social a partir das necessidades de grupos minoritários, tendo em vista as sociedades que estão inseridas a sua localidade e as experiências que delas emergem.

Considerações finais

A obra analisada oportuniza novos debates e visibiliza temas antes silenciados. É um novo horizonte dentro da literatura, principalmente pelo protagonismo de mulheres negras e por apresentarem personagens femininas que nos provocam, inquietam e que nos ajudam a construir novas percepções e entendimentos sobre o feminismo negro.

Quantas “Ifemelus” devem existir no mundo neste momento? Quantas “Ifemelus” devem estar à procura de emprego e tendo portas fechadas devido à cor da pele, tipo do cabelo ou pelo inglês que não é tão fluente? Neste trabalho, debatemos sobre tais questionamentos e conseguimos compreender como as teorias do feminismo negro estão correlacionadas com o enredo da protagonista, que muito se assemelha, com sua autora: mulher, negra, nigeriana, vivendo em um país como estrangeira.

Americanah possui várias temáticas que podem ser abordadas e discutidas no meio acadêmico e na sociedade: diáspora, raça e o feminismo negro, foram apenas alguns pontos. Vale ressaltar que não encontramos uma definição conceitual precisa destes temas dentro da narrativa, e também não era o que buscávamos, o foco consistiu na discussão dos temas por meio da trajetória da vida de Ifemelu.

Chimamanda enaltece a importância do empoderamento das mulheres negras em seus ambientes diaspóricos. Comparamos a sua escrita com a de autoras negras, como Angela Davis e Bell Hooks, que nos deram suporte teórico para os sujeitos apresentados em *Americanah*, alicerçando assim a construção da escrita que esquematizamos em diálogos: diáspora, raça e feminismo negro, vivenciados e marcados na pele de Ifemelu.

O lugar de fala privilegiado de Chimamanda, reconhecida internacionalmente, atua sobre a contraposição de opressões vivenciadas por uma sociedade racista e patriarcal ainda no século XXI. Ela consegue influenciar trajetórias de crianças, jovens e mulheres que se deslumbram folheando as páginas de *Americanah* e se sentem como sendo mais uma Ifemelu.

Esperamos que os leitores deste artigo percebam o quão é importante debater o movimento feminista negro e racial na academia, na escola, em espaços sociais privados ou públicos e transmitir para as sociedades, permitindo que essas temáticas possam encontrar seu lugar de fala, dando vez e voz a grupos estereotipados, perseguidos, marginalizados e invisibilizados pela nossa História, branca e ocidental.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- BHABA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boi Tempo, 2016.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Fabiana de Souza Santos Xavier

Mestranda do curso de Programa de Pós-Graduação em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas pela Universidade de Pernambuco, campus Garanhuns. Graduada em Pedagogia pela UNIFACVEST (2020). Licenciada em História pela Universidade de Pernambuco, UPE/Campus Garanhuns (2012).

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/7686100555570423>

José Luiz Xavier Filho

Licenciado em História pela Universidade de Pernambuco, UPE/Campus Garanhuns (2012). Atualmente é professor de História do quadro

efetivo da rede municipal de ensino do município da Lagoa dos Gatos - PE.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/4762429040202808>

Artigo recebido em: 18 de Agosto de 2021.

Artigo aprovado em: 06 de novembro de 2021.